

Qualidade, inclusão e construção coletiva: tripé da iniciação científica na UnB

“Você pesquisa? Então...mostre!”

Com esta frase de autoria do professor Luiz Fernando Las Casas\* pode-se dizer que ocorreu o surgimento institucional da iniciação científica na Universidade de Brasília. Na ocasião, a frase compunha o cartaz de divulgação do *1º Seminário de Pesquisa na Graduação*, que foi realizado entre 30 de janeiro e 1º de fevereiro de 1991.

A iniciação científica já vinha sendo desenvolvida na Universidade de Brasília antes desse marco temporal. Muitos professores e pesquisadores já incluíam estudantes de graduação em seus projetos, para promover a iniciação à pesquisa desde essa etapa da educação superior. Porém, as iniciativas eram mais relacionadas a grupos de pesquisas específicos ou a pesquisadores individuais do que a uma política institucionalizada e ampla para a iniciação científica.

Após outros dois seminários de pesquisa, organizados em 1992 e 1993, em 1995, ocorreu o *1º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília*. A partir dessa primeira iniciativa, os congressos de iniciação científica têm ocorrido anualmente. E, em 2004, a organização do Congresso da UnB começou a ocorrer de forma concomitante ao *Congresso de Iniciação Científica do DF*, propiciando a troca de experiências entre estudantes e pesquisadores da UnB e estudantes e pesquisadores de outras instituições de ensino superior do DF.

Em 2021, a UnB sediará o *27º Congresso de Iniciação Científica da UnB* e o *18º Congresso de Iniciação Científica do DF*. A expectativa é que a participação seja de cerca de 2.500 estudantes e pesquisadores. O prognóstico é que o Congresso será realizado de forma virtual, como foi o anterior, e tal fato configura um desafio, que envolve o estímulo aos bolsistas e pesquisadores para participarem de forma efetiva. Além disso, há todo um planejamento específico para programar as apresentações virtuais dos conferencistas e estudantes.

Ao longo de todo esse tempo, a iniciação científica na UnB veio se aperfeiçoando institucionalmente. Entretanto, nos últimos quatro anos, houve uma grande mudança de perspectiva, sustentada por três pilares: **qualidade** das pesquisas e de seus resultados – o que já era uma característica do Programa; maior **inclusão** de docentes, estudantes e técnicos administrativos; **construção coletiva** de um programa que atende aos anseios e interesses da comunidade universitária.

Começamos pelo último, a construção coletiva. Para isso, é necessário um breve resgate da recente história do Programa de Iniciação Científica (ProIC).

No início de 2017, a comunidade universitária clamava pela reestruturação do modelo de iniciação científica. De um lado, eram questões afetas a editais, processos seletivos, critérios de avaliação, acompanhamento dos projetos, entre outros aspectos. De outro, aquelas referentes à modernização do sistema de gestão dos processos, dado que o

antigo sistema de gestão, o Sibolweb, já não atendia satisfatoriamente aos anseios e demandas da comunidade.

Identificado o problema, os comitês Assessor e Gestor do ProIC debruçaram-se sobre o assunto e decidiram criar três comissões, por cada área do conhecimento (Artes e Humanidades; Ciências da Saúde e da Vida; Ciências Exatas e Tecnológicas), para debater; discutir; propor critérios, normas e soluções para a reformulação do programa institucional. Atualmente são mais de 300 docentes dessas áreas, oriundos dos quatro campi, abrangendo suas unidades e cursos. Participaram das comissões entre 45 e 60 professores, incluindo professores de metodologia científica, que discutiram o assunto exaustivamente, durante seis meses, no ano de 2017. Ao final, as comissões propuseram novas regras e novos critérios e alguns processos para a reorganização do ProIC.

O universo das contribuições foi sistematizado na forma de um modelo que atendesse, na medida do possível, às especificidades de cada área, mas que resultasse em algo unificado, atendendo à comunidade da UnB em sua totalidade. Desse esforço coletivo, fruto de discussão, debate e consenso entre todas as áreas do conhecimento, resultou o modelo atual de iniciação científica da Universidade.

O atual modelo de avaliação, publicado nos editais, é fruto desse processo, cujos critérios e estruturação estão resumidos em quatro aspectos que definem pesos para a classificação, seleção e avaliação dos projetos. Assim, são pontuados Currículo do Proponente (40%), Projeto (20%), Plano de Trabalho (25%) e Estudante (15%). Com base nesse novo modelo, o estudante passou a ter um papel fundamental no processo seletivo e na avaliação dos projetos, o que não era contemplado até então.

Paralelamente a essa ação, a Diretoria de Fomento à Iniciação Científica do Decanato de Pós-Graduação (Diric/DPG) e o antigo Centro de Processamento de Dados (CPD) – agora Secretaria de Tecnologia da Informação – empenharam-se na implementação de um novo sistema de gestão que atendesse à demanda anual de quase 3 mil alunos e mais de 1 mil orientadores. Essa ação conjunta visava aprimorar o sistema de inscrições aos editais, o acompanhamento dos projetos, a alocação de bolsas, a organização dos congressos, entre outras atividades. O esforço resultou no Sistema de Inscrições do Programa de Iniciação Científica (Sipic), desenvolvido com base nos requisitos e critérios oriundos das decisões do trabalho das Comissões mencionadas anteriormente.

Ressalte-se que, no processo coletivo de construção do novo modelo do ProIC, procurou-se incorporar determinados princípios, reivindicados pelas áreas do conhecimento, que direcionassem e fossem estruturantes do Programa de Iniciação Científica, a saber: inclusão de estudantes, técnicos administrativos e professores (principalmente os recém-ingressados na UnB e que ainda não participavam de programas de pós-graduação); efetiva participação do estudante na composição dos critérios de avaliação; definição de critérios unificados para todas as áreas; automatização do processo de gestão, dentre outros aspectos.

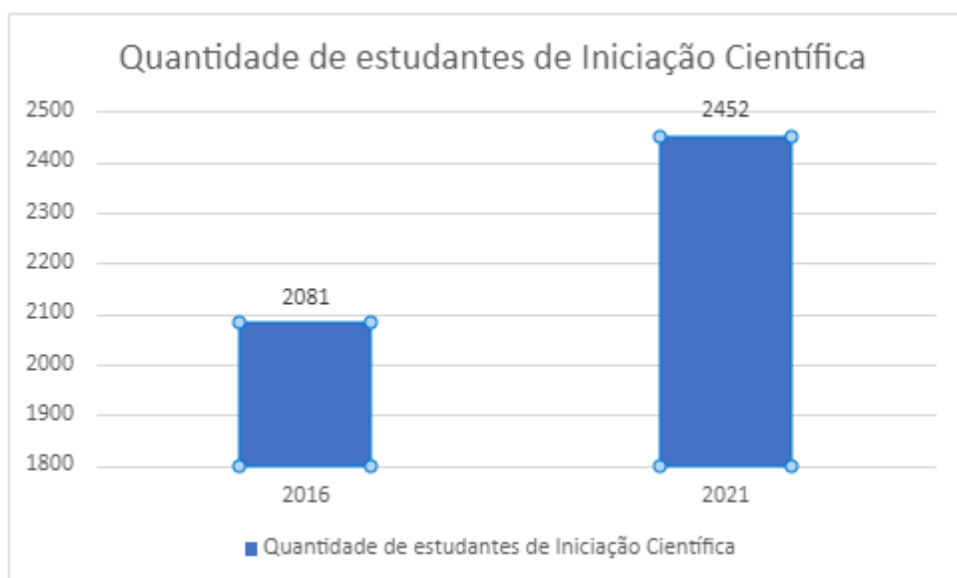
É ainda importante notar a busca do equilíbrio na avaliação de critérios objetivos e subjetivos associados às práticas, às dinâmicas e aos conceitos de cada área do conhecimento para a seleção das propostas.

Desde a gestão anterior da UnB, período 2017-2020, os comitês Gestor e Assessor constituem fóruns para debates, discussões e sugestões. O Comitê Assessor reúne-se regularmente, determinadas vezes ao ano, e o Comitê Gestor, no mínimo em três oportunidades anuais: no início do processo seletivo, antes do Congresso anual de iniciação científica e durante o Congresso. Nessas ocasiões são realizadas avaliações do processo, discutidos os problemas, apresentadas sugestões e feitos encaminhamentos para aprimorar a gestão da iniciação científica na UnB. Essas são as bases da construção coletiva da iniciação científica na UnB.

O segundo pilar, a inclusão, apresentou como mais recente conquista a tão esperada participação da categoria de técnicos administrativos na proposição de projetos e na orientação de estudantes de iniciação científica. É uma reivindicação histórica, que já se tornou realidade nos editais do Pibic/Pibic-AF recém-publicados.

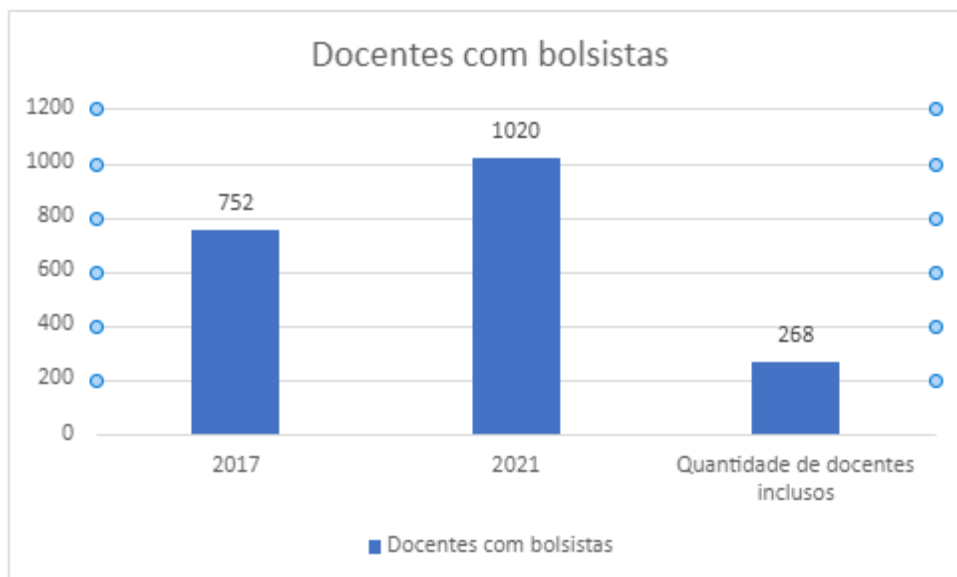
Merece também destaque a contínua e progressiva inclusão de estudantes selecionados pelo sistema de cotas no edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas (Pibic-AF). Em 2016, participavam no Pibic-AF 76 estudantes com projetos de iniciação científica. Hoje registram-se 223 estudantes, perfazendo um aumento de 193% no período de pouco mais de quatro anos.

Ao estabelecer uma comparação, a quantidade total de estudantes participantes nos diferentes programas de iniciação científica tem apresentado crescimento significativo. Em 2016, eram 2.081 estudantes, agrupados entre bolsistas e voluntários. Em 2021, esse quantitativo passou a 2.452 estudantes, quase metade deles, 1.194, com bolsas do CNPq, da FAP-DF ou da UnB. Ou seja, nesse período, computou-se um crescimento de aproximadamente 18% na quantidade de estudantes.



A inclusão foi observada, também, na categoria docente. Mais e mais professores e professoras são incorporados(as) aos programas de iniciação científica como orientadores e orientadoras e, o mais importante, com direito a orientar alunos

bolsistas. Em 2017, eram 752 docentes com estudantes bolsistas em seus projetos. Em 2021, nos editais em andamento, são 1.020 docentes que possuem projetos com bolsistas. Foram incorporados ao processo 268 docentes com alunos bolsistas, o que demonstra inclusão, mas também uma distribuição mais equitativa de bolsas no âmbito da comunidade docente.



Foram criadas oportunidades para a participação de docentes recém-ingressados na UnB e de outros docentes que não estão credenciados em programas de pós-graduação *stricto sensu*. Assim sendo, foi permitido que muitos professores e professoras pudessem desenvolver seus projetos de pesquisa, galgando degraus inclusive para um futuro credenciamento em programas de pós-graduação.

Finalmente, com relação ao último pilar, a qualidade da iniciação científica, entende-se que qualidade é uma consequência dos aspectos mencionados neste artigo e pode ser medida por meio de diferentes indicadores e resultados. Em primeiro lugar, assinalamos a reformulação dos critérios e modelo de seleção, avaliação e acompanhamento de projetos. Isso contribuiu para que a iniciação científica da UnB fosse reconhecida como referência pelas agências de fomento, CNPq e FAP-DF, particularmente.

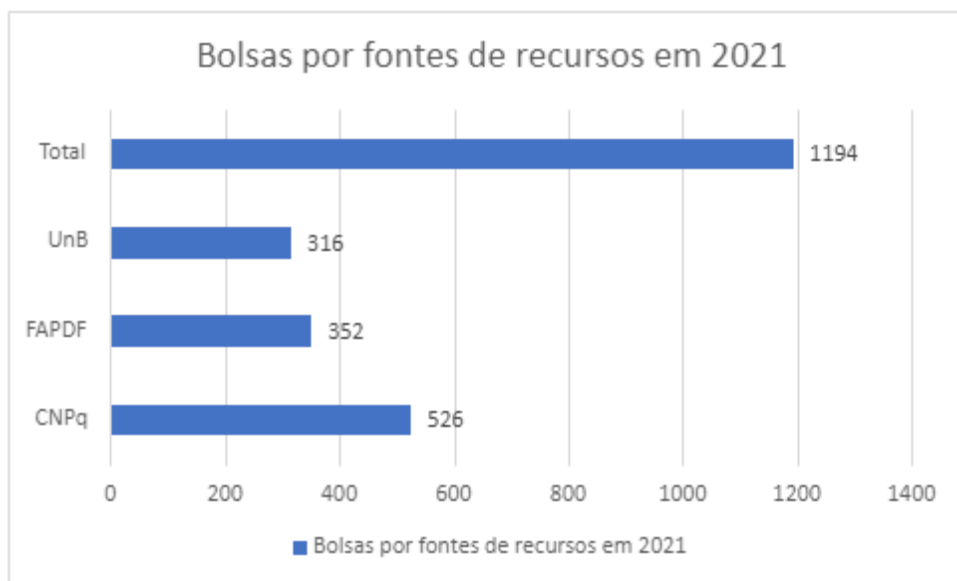
Ilustra esse reconhecimento a avaliação realizada pelo CNPq com base nos relatórios apresentados pelo ProIC referentes ao período de 2017/2018/2019, com vistas à renovação das bolsas institucionais, nos diferentes programas de iniciação científica. As notas atribuídas pelos consultores daquela agência são consideradas excelentes: entre 9,3 e 9,6 para todos os programas. A consequência disso foi o aumento da quantidade de bolsas concedidas pelo CNPq à UnB. Passamos de 476 bolsas, em 2019, para 526, em 2020.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação ao Desenvolvimento Tecnológico e à Inovação (Pibiti) também foi completamente remodelado e adequado aos seus princípios de incentivo à inovação e à parceria com organizações públicas e privadas no desenvolvimento das pesquisas, diferenciando-o do Pibic. Esse programa foi avaliado, reconhecido e, conseqüentemente, contemplado com um aumento de 48%

na quantidade de bolsas concedidas à UnB. Passamos de 23 para 34 bolsas entre 2019 e 2021.

Processo similar ocorreu na relação institucional com a FAP-DF. No período de 2016 a 2018, tínhamos 300 bolsas de iniciação científica concedidas por essa instituição. Entre 2019 e 2021, este quantitativo aumentou para 352 bolsas.

É importante registrar que a UnB tem complementado a demanda anual por bolsas de iniciação científica com recursos próprios. Atualmente, a UnB disponibiliza 316 bolsas de iniciação científica, que são alocadas para todos os editais do ProIC.



Merecem menção alguns outros aspectos relacionados à qualidade da iniciação científica na UnB, a saber:

- organização dos anais dos congressos em repositório único, desde o primeiro evento, em meio digital e com registro ISBN;
- elaboração de documento com resgate da memória da iniciação científica na UnB e no DF;
- coordenação da rede de sete instituições de ensino superior do DF para organização do Congresso e intercâmbio de experiências no âmbito da iniciação científica;
- participação de estudantes nas reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC);
- desenvolvimento do Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio (Pibic-EF) em cooperação com diversas escolas públicas do DF; e
- concepção de Banco de Talentos de estudantes que desejam participar da iniciação científica na Universidade de Brasília.

Finalmente, pode-se dizer que o modelo de iniciação científica da UnB prima pela conjunção dos três aspectos aqui apresentados e investe na formação de jovens pesquisadores, por considerar que a iniciação científica é um dos aspectos mais promissores para o progresso da ciência.

Os resultados aqui relatados não foram alcançados por meio de iniciativas individuais, mas mediante a participação de um coletivo. Por isso, deixamos aqui um agradecimento especial às professoras Adalene Moreira Silva e Helena Eri Shimizu, pelo apoio e incentivo para que os resultados aqui divulgados fossem alcançados durante suas gestões no Decanato de Pós-Graduação entre 2017 e 2020. Agradecemos à Reitoria (gestão da professora Márcia Abrahão Moura e do professor Enrique Huelva), aos membros do Comitê Gestor, à STI, aos técnicos do ProIC, aos orientadores e estudantes e às diferentes unidades acadêmicas e administrativas da Universidade de Brasília que apoiaram a iniciação científica nos últimos anos.

Sérgio Ronaldo Granemann  
Diretor de Fomento à Iniciação Científica

Membros do Comitê Assessor do ProIC

Carmenísia Jacobina Aires  
Rozana Reigota Naves (entre fevereiro de 2017 e dezembro de 2020)  
Dâmaris Silveira  
Kênia Mara Baiocchi de Carvalho  
Cristina Célia Silveira Brandão  
Luiz Fernando Roncaratti Junior

\* Professor aposentado do Instituto de Artes (IdA)